

## **À Conversa com o Malcatenho Nuno Renca**

***Nuno Renca, um verdadeiro Cidadão do Mundo, vive na cidade do México mas sempre com o coração em Malcata! As suas raízes estão em Malcata.***

Nuno Renca, 42 anos, é Mestre em Linguística Portuguesa e licenciado em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesas.

Tem sido responsável por cursos nas áreas de Literaturas, Culturas, Linguística, Educação, Formação de Professores, História, Estudos Sociais e Português Língua Estrangeira em Portugal, Timor-Leste, Brasil, China e Tailândia.

Presentemente é leitor do instituto Camões para o México.

**José Escada (JE) – O Nuno Renca exerceu atividade profissional na área do ensino em Timor. Quer falar-nos dessa sua experiência profissional e do modo como sentiu a portugalidade nesse país a que agora nos ligam laços tão fortes?**

**Nuno Renca (NR)** – É mesmo. De facto há uma profunda ligação de Timor a Portugal e vice-versa. É algo que ultrapassa, inexplicavelmente para os países poderosos do presente, a simples relação histórica da circunstância colonial que uniu os dois países no passado. No meu caso, o que me levou a/me ficou de Timor foi mais do que simples experiência profissional. Uma exposição de fotografia – creio que uma das primeiras iniciativas na Guarda a esse respeito – nos tempos em que era estudante no liceu, foi muito importante. Eram aqueles tempos, os anos 90, em que se voltava a falar do longínquo Timor, em Portugal, mas então por razões terríveis. Mais tarde, ainda no liceu, ganhámos (eu, três colegas e um professor) um concurso que existia na altura, o Euroscola, que nos acabaria por levar ao hemicírculo europeu de Estrasburgo, onde, na sessão plenária com os estudantes dos outros estados-membros, questionámos o seu presidente sobre a posição europeia acerca da situação então vivida em Timor. A resposta foi como a atitude que persistia. Vaga, descomprometida. Depois, vieram as manifestações e iniciativas, sobejamente conhecidas e amplamente vividas. Timor foi uma das maiores “causas” que a sociedade portuguesa viveu. A oportunidade de dar um contributo na construção da mais jovem nação do mundo foi, para mim, um privilégio.

**JE – Nessa linha da portugalidade universal como encara a iniciativa de numa aldeia do interior de Portugal ter nascido uma Associação, a ASTiL, que pretende promover ações de solidariedade com comunidades no interior de Timor- Leste?**

**NR** – É a explicação do inexplicável de que falava no início da resposta anterior: é esta capacidade, predisposição, abertura ao outro - próximo ou afastado - dos portugueses (e que alegria poder dizer aqui "malcatenhos"! ) que nos levou e leva a criar e manter laços globais. Se o outro está longe, queremos desesperadamente trazê-lo para perto de nós, ou queremos ir ao seu encontro. A nível pessoal, é uma felicidade imensa ver a minha terra-mãe tão associada a Timor!

**JE – Em sua opinião faz sentido que numa comunidade que vive os graves problemas da interioridade de Portugal (definhamento económico, envelhecimento, abandono) se sinta motivada para desenvolver ações de solidariedade com comunidades distantes, nos antípodas, que vivem problemas de pobreza, de carência de infraestruturas educacionais e com muita população jovem?**

**NR** – Sim. Se está a acontecer, é porque reconhecemos que há povos e sítios onde se vive com mais limitações ainda do que aqui. Isso é bom, não esquecendo os nossos próprios problemas, claro.

**JE** – **Como encara o Protocolo de cooperação estabelecido entre a AMCF e a ASTiL? E em particular a exposição “Expressões Lorosae”? Como encara o ato de trazer a Malcata uma exposição de fotografia que tem sido muito apreciada em grandes centros urbanos?**

**NR** – Bela iniciativa a exposição e importante o protocolo. Parabéns pelo Vosso trabalho e que a verdadeira Cooperação continue. A união faz a força.

**JE** – **Considera assim que a cultura deve ser uma aposta no combate à desertificação?**

**NR** – Completamente. Com o avanço tecnológico vai, talvez paradoxalmente, haver cada vez mais espaço para a criação rentabilização e usufruto dos produtos culturais. E, se tudo for autêntico, ganharemos esse combate. Podemos aprender esta alegria, resiliência, esperança e capacidade de reinvenção com Timor.

**JE** – **Depois de Timor o Nuno está agora no México. Quer falar-nos sobre essa sua nova experiência? Considera-se um cidadão do mundo?**

**NR** – É verdade, já tive o privilégio de viver em vários países e a alegria de me encontrar em outros meus semelhantes tão diferentes, na pele, nas ideias, nos hábitos. Agora no México, dou aulas de língua e literatura numa Universidade – enorme, das maiores da América latina (UNAM) e que já deu 3 prémios Nobel ao mundo! –, para além de Coordenar o Centro de Língua Portuguesa Instituto Camões no país. O mundo hoje é, talvez, mais pequeno. Talvez, porque, tal como há 500 anos, assim o é se nós quisermos que assim o seja.

**JE** – **Na base da sua mundividência o que representa para si Malcata?**

**NR** – Malcata rima para mim com Mãe, que me mostrou tudo o que aqui digo e me levou a todos os sítios onde já fui e me deu a conhecer todas as pessoas que já conheci.

**JE** – **Com tanto mundo com tantas experiências que soluções aconselha para combater a desertificação das nossas aldeias raianas?**

**NR** – Somos todos humanos, independentemente do sítio onde nascemos e das diferenças com que esse meio específico nos molda. Se algo aprendi, é que as semelhanças são sempre muito mais do que as diferenças. Ao mesmo tempo, são também as diferenças (integradoras, que não excluem mas que convidem o outro) que enriquecem e têm o poder de cativar. O fator distintivo e gerador de valor neste combate vai estar, hoje como ontem, no Humano. Saibamos descobrir o que temos de bom, gostemos de nós, cooperemos melhor e os outros virão. Uma dessas coisas que temos de bom é sermos RAIA. Esta não é só uma palavra infinitamente bela. É algo que temos urgentemente de invocar para lutar ao nosso lado.

**JE – AMCF gostaria muito de organizar consigo um evento. Aceita expor a sua rica mundividência em Malcata?**

**NR –** Claro. Com todo o gosto. Um grande abraço a todos.